

os antagonismos entre deputados brasileiros e portugueses nas Cortes. Enquanto os primeiros acreditavam na utopia dos direitos iguais das partes do Império e neutralizavam as idéias republicanas nascidas em seu próprio solo, os segundos dirigiam sua atenção para as necessidades do território europeu, não hesitando em ameaçar o trono da casa de Bragança. Além disso, surgiriam no Brasil áreas de possíveis rupturas do Império sonhado na Bahia e no Pará.

Emancipados, aliados da monarquia, os setores mais influentes da elite ilustrada brasileira encontram no príncipe regente de idéias liberais o continuador do seu projeto do *Novo Império*; ainda não pensando na ruptura com Portugal em setembro de 1822, somente vinha a abdicar da construção conjunta de uma nação portuguesa em outubro. Todavia, herdava o Império Brasilico a idéia da grandeza de um território que exigia empenho para arregimentar suas províncias em torno do centro administrativo e edificar sua unidade nacional. Entretanto, a dinâmica das forças sociais mostraria, prematuramente, com a dissolução da Constituinte e Confederação do Equador, que este projeto não seria facilmente implementado.

Não resta dúvida quanto a instigante e consistente argumentação apresentada neste livro; ela tem a virtude de interessar o leitor a querer a continuação dessa história, que imbrica, necessariamente, na formação das classes dominantes brasileiras e nos movimentos políticos de contestação durante o segundo reinado. Esperemos que a historiadora possa acompanhar suas idéias percorrendo, agora para o futuro, o tempo da longa duração.

Maria de Lourdes Monaco Janotti

Professora do Depto. de História da FFLCH/USP.

MENDES, Gilberto. *Uma Odisséia Musical – Dos Mares do Sul à Elegância Pop/Art Déco*. São Paulo, Giordano/Edusp, 1994.

De premissa exemplar, o compositor Gilberto Mendes presta uma das mais significativas contribuições ao desvelamento da música erudita brasileira: "(...) Contar coisas, histórias com as quais estava envolvido por ocasião da composição de determinadas peças". Possivelmente, se pretendesse explicar a sua obra analiticamente, "(...) sou contrário a todo tipo de análise. A obra musical deve falar por si mesma", Gilberto Mendes esbarraria no texto hermético, desprovido da descontração que leva ao revelar.

Uma Odisséia Musical – dos Mares do Sul à Elegância Pop/Art Déco, com prefácio lapidar de Haroldo de Campos, é a narrativa rigorosamente sincera de um compositor cuja trajetória ultrapassou largamente as fronteiras do país. Em toda a

obra não há uma só passagem em que o autor tivesse a intenção de ser entendido como alguém que busca a afirmação por si mesma.

Gilberto Mendes mantém com o leitor a intimidade legitimada pelo não-ocultamento das recordações as mais pueris. A linguagem sempre em estilo coloquial – o mesmo que Gilberto Mendes mantém quando em conversa com um amigo amplo ou recém-conhecido – serve de palco exemplar ao desfilar de fatos de todas as dimensões, grandiosos ou mínimos, que garantem o decifrar do personagem.

Das pequenas reminiscências da infância – “Curti muito ser criança” – Gilberto sonhou ser marinheiro, diplomata, jornalista, espião, desenhista, escritor, mas detém-se quando considera que “a principal brincadeira era de ser regente de orquestra, mais precisamente, um *band leader*, como Eddy Duchin *and his orchestra*, meu primeiro amor popular, sério, consciente”. Este, um primeiro momento da integração com o diferenciado e o não-comprometimento com o nacional não questionado, o mesmo que, desde a década de 20, evitou a penetração, no Brasil, das correntes universais intensamente ventiladas na Europa e nos Estados Unidos. Gilberto Mendes não as encontra inicialmente e, apesar da sua afirmação sobre o aderir à música: “uma vez erudita, sempre erudita, que fazer?”, a porta que se lhe abre não é a da erudição, mas a do fascínio pelas grandes bandas americanas. O sonoro e o visual, este apreendido nas salas de cinema, outro fascínio absoluto, “o meu templo”, como afirma serenamente. A sala de cinema paraleliza-se em sua mente à sala de *Cinema Paradiso*, do cineasta Giuseppe Tomatore. Há a captação da magia a partir do apagar das luzes e todo um acesso à imaginação se faz sentir. Música e imagem se fundem e estarão a povoar o universo de Gilberto Mendes. Santos, o local paradisíaco, que nem as crises urbanas ou ecológicas de uma região sempre sujeita aos dramas da poluição e da imprecisão retiram a visão amorosa de Gilberto Mendes. E os títulos das músicas, quase sempre plenos da fina ironia, revelam quando a baixada santista é lembrada: a nostalgia em *Saudades do Parque Balneário*; a tragédia em *Vila Socó, meu amor*, a etérea sensação em *Vento Noroeste*; ou a paixão nacional pela era Pelé em *Santos Football Music*.

Se Gilberto Mendes consegue captar as lições de Darmstadt na década de 60 e durante os anos que se seguiram, a rezar o breviário da *Neue Musik*, só o tempo o faz decantar-se, voltar ao natural classicizado, depurar-se, retirando o acréscimo não-necessário. Se há ironia sempre presente em *Ulysses em Copacabana surfando com James Joyce e Dorothy Lamour*, ou n^o *O pente de Istambul*, o tratamento da textura musical já se mostra em processo de síntese.

Percorrer *Uma Odisséia Musical...* é compreender a trajetória de um observador atento que está presente, denso, partícipe no movimento da renovação poética em São Paulo. Dos irmãos Campos, de José Paulo Paes, de Décio Pignatari, Gilberto Mendes compreenderia a imensa contribuição que palavras e frases dariam ao signo musical. Esse observador atento, viajante deslumbrado em peregrinação constante pelo mundo, ouvindo os outros sons, fazendo-se ouvir e respeitar – sem qualquer

empáfia; conhecendo músicos, tornando-os familiares; descobrindo amigos, dora-vante companheiros, chegaria aos setenta anos na absoluta paz dos inconformados. A sua trajetória, na revelação do homem por inteiro, sem mistificação, traz no seu rastro o desalento pelo social a deteriorar-se sem esperanças.

Caminhar, com Gilberto Mendes, nas sendas da *Odisséia Musical*, é ter o privilégio de acompanhar os passos do mais respeitado compositor vivo brasileiro; é conhecer influências não ventiladas até hoje na música erudita e aspectos outros a dimensionarem o descortino que se há de alcançar, necessariamente, dos processos que levam o músico a idealizar, questionar e verter para o papel os seus desígnos criativos.

José Eduardo Martins

Pianista e Professor do Depto. de Música – ECA/USP

PESSOTTI, Isaiás. *Aqueles cães malditos de Arquelau*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993. 256p.

Em entrevista recente ao *Jornal da USP*, Isaiás Pessotti, professor de Psicologia na USP de Ribeirão Preto, confessa o quanto a leitura de *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, serviu de impulso a seu mergulho na história de “uma suntuosa propriedade rural de algum nobre de outros tempos”, uma *villa* situada no Piemonte italiano e construída no século XV. De comum entre as histórias de ambos os ficcionistas, para além de todas as diferenças, fica o amor por antiguidades, sustentado por sólida erudição e o gosto pelo mistério e o suspense que, mantido ao longo da trama, vai culminar na decifração do título das obras, chave do enigma. Nos dois casos, o de Eco e o de Pessotti, o fascínio sobre o leitor é o mesmo.

Em 1964, e depois em 1966/67 e 1969/70, Isaiás esteve em Milão, primeiro como estagiário e depois como professor convidado pela Universidade. Remonta certamente a esse tempo o núcleo do enredo, protagonizado por pesquisadores sediados no Instituto Galilei, e o vasto conhecimento da paisagem e da culinária italianas, fundamental para a verossimilhança de um “caso” que acaba sendo de paixão e morte, à Tristão e Isolda. Camuflado na pele do narrador latinista Emilio Donatelli, “veneto de Cordignano, bacharel em Filosofia, uma cátedra de Psicologia, muitos artigos publicados, um livro sobre a ansiedade, sucesso de crítica e fracasso de bilheteria”, Isaiás Pessotti tempera sua tragédia com fina dose de humor, graças aos impulsos meio malucos de um bando de amantes do passado, que transpõem os limites de seus trabalhos individuais – todos voltados para a pesquisa histórica – pelo puro prazer do conhecimento. No desinteresse deles, que leva a extraordinários